

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE MESTRES PARA O ENSINO BÁSICO E FUNDAMENTAL



Ricardo Vélez Rodríguez

– Membro Fundador do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor Emérito da ECEME. Professor, ex-Ministro da Educação.
rive2001@gmail.com

Num país continental do tamanho do Brasil não pode haver um modelo único de educação. O modelo centralizador existente é a pesada herança pombalina. O grande problema com que me defrontei durante a minha passagem pelo MEC foi esse: ainda estamos presos a um modelo estatizante, único e ineficiente. Quem exerce o poder na gestão são as corporações de docentes, estudantes e administradores, afinadas com os vícios corporativistas herdados do ciclo getuliano e presentes nos quatorze anos de desmandos petistas. E as mudanças têm de ser feitas sem parar a máquina. É como trocar o pneu com o carro em movimento.

Lembro, aqui, o que deve ser feito. Ninguém melhor do que um especialista, o professor Simon Schwartzman, que há décadas se debruça sobre as mazelas do nosso sistema educacional e que assinala, volta e meia, com saídas que devemos levar em consideração. Cito as suas palavras a respeito, daquilo que deveria ser um consenso, hoje, para enfrentarmos a dura tarefa:

Em artigo intitulado “Consenso e dissenso em Educação”, publicado em 14 de junho deste ano, no jornal **O Estado de S. Paulo**, frisava o professor Schwartzman: “É preciso construir um novo consenso, baseado na ideia de que deve ser possível fazer muito mais com os 5% do PIB que o Brasil já gasta em educação. Com a queda da natalidade, serão menos estudantes, e será possível ter menos professores e pagar mais. A profissão docente precisa ser reformada, com melhores cursos de formação, carreiras associadas ao desempenho, e facilitando o acesso ao ensino de pessoas com outros perfis. A educação infantil deve deixar de ser meramente assistencialista, e ser tratada como etapa essencial de formação. A tolerância com o analfabetismo funcional deve acabar, com o uso de métodos comprovados de alfabetização e acompanhamento de resultados. O segundo ciclo do ensino fundamental precisa ser repensado, e a reforma do ensino médio precisa ser efetivamente implementada, inclusive pela ampliação e fortalecimento da educação técnica. O formato do ensino superior precisa ser revisto, criando mais alternativas de formação em diferentes níveis, e a pós-graduação e a pesquisa precisam se tornar menos acadêmicas e mais vinculadas às necessidades do país. (...)”.

Trata-se, evidentemente, de uma pauta muito ampla que deve ser abordada por partes. Destaco um aspecto: “A tolerância com o analfabetismo funcional deve acabar, com o uso de métodos comprovados de alfabetização e acompanhamento de resultados”. Esse item foi assumido pelo Presidente Bolsonaro como uma das suas propostas iniciais de reforma do sistema educacional. No seu primeiro discurso ao Congresso, no início do ano, o Presidente deixou isso bem claro.

Para cumprir com esse objetivo, foi criada no MEC, na minha gestão, a Secretaria Especial de Alfabetização. As duas finalidades básicas seriam definir o método de alfabetização a ser utilizado, levando em consideração os avanços da ciência da linguagem, bem como a definição dos passos pedagógicos a serem levados em consideração. O “método fônico” seria um dos aspectos.

Era necessário definir, também, a forma em que seria levado em consideração esse método na formação de Mestres. Ora, o trabalho desenvolvido pela correspondente Subsecretaria ficou, a meu ver, a meio caminho, sem chegar a indicar a forma em que tal método seria aplicado na formação dos docentes.

Um caminho a ser trilhado seria o da reestruturação da carreira docente, voltando às antigas Escolas Normais como celeiros da formação dos futuros professores para o ensino básico e fundamental. Tratar-se-ia de uma formação que ocorreria também em sala de aula, com uma adequada supervisão na prática pedagógica, tendo como objetivo fundamental a preparação do aluno para que, alfabetizado adequadamente, possa se ver livre do analfabetismo funcional, a fim de encarar, com segurança, os outros degraus da sua formação.